



Em 17 de Fevereiro de 1827, há, portanto, 110 anos, morreu em Birr o grande educador suíço Henrique Pestalozzi, a respeito de quem Alberto Malche escreveu:

«No limiar da nossa era científica, nenhum outro homem dominou melhor, em toda a sua extensão e em toda a sua verdade, a tarefa da educação, tal como a concebe o mundo moderno».

Augustin Keller redigiu para o monumento do criador da escola popular e iniciador da pedagogia social moderna um epitáfio muito conhecido e que resume a biografia do extraordinário filantropo:

Aqui descansa

Henrique Pestalozzi

Nasceu em Zurique a 12 de Janeiro de 1746

Morreu em Brugg em 17 de Fevereiro de 1827

Prelector popular no LEONARDO E GERTRUDES

Salvador dos Pobres em Nenhof

Pai dos Órfãos em Stanz

Fundador da Escola Popular em Berthoud

Educador da Humanidade em Yverdon

Homem, cristão, cidadão.

Tudo para os outros, nada para si.

Paz às suas cinzas.

Ao nosso Pai Pestalozzi

A Argóvia reconhecida.

É, com efeito, uma biografia lapidar a todos os respeito. Pestalozzi morreu depois de ter gozado a aparente consecução dum sonho em que se consumira e agitara a sua sensibilidade inteligente. Sentiu muitas vezes a alma abatida pelo sôpro agreste do infortúnio. Amarfanhou, pela pressão terrível dos desenganos, o seu próprio coração delicado e pueril. Foi assacado pela calúnia, mas conservou, através de todos os reveses, a mesma fé, a mesma generosidade e os mesmos ideais puros. Por isso o temos sempre presente como um exemplo magnânimo a seguir na devoção pelas crianças, no entusiasmo pela regeneração das massas populares por meio da educação, nos esforços dedicados pelo bem estar social, no respeito pela individualidade infantil.

Fichte, no discurso à nação alemã, oferecia como escola regeneradora da sua raça a escola de Pestalozzi. O glorioso tribuno Emílio Castelar chamou santo ao abnegado apóstolo suíço e recordou este singelo, mas comovedor episódio:

«Já com mais de oitenta anos, Pestalozzi foi visitar uma escola, fundada em obediência ao seu ideal e aos seus princípios. As crianças de ambos os sexos, que deviam uma alma nova à ideia desse varão justo, saíram a recebê-lo, cantando melodiosíssimos coros e pedindo-lhe a sua santa bênção. Uma delas adiantou-se a oferecer-lhe uma singela coroa de roble: — Para mim, não; — disse — coroai com ela a inocência, a única coisa grande sobre a terra».

E o genial e eloquente orador, como que respondendo à frase simples do imortal educador, acrescentou:

«Não, não é verdade. Existe alguma coisa mais santa do que a inocência, como há algo mais formoso do que o Paraíso cá na terra. É mais santo o varão que conheceu todas as seduções da vida e as desprezou para se consagrar ao cultivo da humanidade, que fez da ideia a sua religião, da caridade o seu amor, da justiça a sua esposa inseparável, dos desvalidos, dos desgraçados, dos oprimidos o objecto único dos seus pensamentos e dos seus cuidados. Isso é o santo, isso é o eterno, isso é o divino na História. Os homens que procedem assim padecerão na vida, padecerão na morte, mas padecerão porque a Providência quer que se assemelhem a seus génios irmãos na sucessão dos séculos, que se assemelhem aos mártires e aos redentores na dor, na santidade e na glória».

Belas e eloquentes palavras dum dos maiores oradores peninsulares do século passado, que era também uma das mais preciosas organizações artísticas de todos os tempos. Embora seja somente para sofrer, ainda vale ser bom, ser justo, ser dedicado pelo bem alheio.

A vida extingue-se, o tempo passa, mas as grandes obras, as grandes ideias, os princípios generosos perduram. Os pigmeus, esses, sim, desaparecem no vórtice da sua própria insignificância.

A infância de Pestalozzi explica, de certo modo, a sua maneira de ser. Aos seis anos ficou órfão de pai; e a mãe guardou-o amorosamente junto de si, instilando na alma do pequeno herói toda a delicadeza da sua própria alma de mulher. A esta solicitude maternal juntou-se o carinho duma serva dedicada.

O pequeno Henrique foi acarinhado com ternura constante. A sua individualidade foi-se desenvolvendo, mas uma individualidade de sentimentalismo mais feminino que masculino, viva, sem dúvida, mas inconstante e sonhadora.

Contudo, o coração, a delicada sensibilidade, tão cuidadosamente cultivados pela mãe, torná-lo-ão sentimental, quasi sempre ingénuo como uma criança, falho de senso prático e de circunspecção na vida, mas sempre pronto a dedicar-se ao bem alheio.

Como passava as férias com o avô paterno, pastor evangélico, numa aldeia, perto de Zurique, aprendeu com o bom velho a amar a vida simples dos camponeses, a conhecer os seus defeitos e as suas virtudes. Quis ser também pastor; mas, ao que parece, reconheceu ser mau orador e abandonou a teologia para dedicar-se à jurisprudência. A leitura dos livros de Rousseau entusiasmou-o, à semelhança do que aconteceu com os moços idealistas, apaixonados pela história da antiguidade grega e pelas recordações heróicas das lutas dos cantões suíços pela liberdade. Bodner, poeta e professor, excitava os discípulos a revoltar-se contra o mal e a injustiça. A alma de Pestalozzi vibrava de cólera sagrada. Queria libertar o povo e nobilitá-lo pela educação.

Na França e na Alemanha pesava o despotismo dos príncipes e da nobreza. Na Suíça fazia-se sentir a depravação geral dos costumes, e não era menor a opressão e a injustiça das famílias aristocráticas sobre as classes mais humildes. Pestalozzi tomou parte importante na luta travada contra tal organização social, a pesar de contar então pouco mais de vinte anos. Pertenceu à agremiação da juventude, denominada *Sociedade Helvética*, defendeu na imprensa as regalias populares e acusou publicamente os magistrados pelos seus erros e pelos seus crimes.

Influenciado pelas ideias de Rousseau, viu no aperfeiçoamento da agricultura a salvação das classes pobres e o remédio para todos os males sociais. Quis auxiliar os oprimidos e para isso procurou viver no meio deles.

O destino deparou-lhe uma esposa de espírito mais prático, sem dúvida, mas sentimental como ele.

Estabeleceram-se na herdade de Nenhof, com uma exploração agrícola que falhou.

Arruinado, vendo diante de si a miséria e a fome, Pestalozzi concebeu então um novo plano, um plano extraordinário que só poderia ser alimentado por uma alma bela como a sua. No momento em que nem sequer tinha que comer, resolveu transformar Nenhof num asilo para crianças pobres. Iniciou então a sua carreira de educador. O casal tinha já um filho que Pestalozzi começou a dirigir segundo as normas gerais de Emílio. No *Jornal dum Pai*, ia registando as suas observações e fixando já as directrizes dos princípios pedagógicos que mais tarde desenvolveria e aplicaria para o bem da humanidade. Buscar e encontrar um método pelo qual o mestre ensine menos e o discípulo aprenda mais, eis o que pretendia o genial educador.